

## **UM GOVERNO SEM QUALQUER PLANO PARA ENFRENTAR A CRISE, UM PAÍS E UM POVO EM DIFICULDADES CRESCENTES**

Um dos aspectos chocantes na crise que enfrenta actualmente o País, não é ela ter-se verificado pois todos os indicadores macro-económicos e informações sobre a economia mundial e, particularmente, sobre a economia americana apontavam já desde 2007 nessa direcção, mas sim a incapacidade do governo de Sócrates para a prever atempadamente, e para implementar medidas que defendessem os portugueses e o País pelo menos das suas consequências mais graves.

Parece que só agora é que o governo, o Banco de Portugal e os defensores do pensamento económico único de cariz neoliberal que dominam os media portugueses, descobriram que Portugal é uma economia aberta, fortemente dependente do exterior, com um elevadíssimo grau de endividamento em relação ao estrangeiro, que qualquer crise que se verificasse no mundo, e que se repercutisse na U.E. e, particularmente, na nossa vizinha Espanha, em relação à qual o grau de dependência do nosso País é muito elevado, teria consequências graves em Portugal. A inércia e passividade em que se manteve e continua a manter o governo, assim como a desculpabilização que está a procurar fazer utilizando para isso a crise internacional como ela fosse imprevisível, bem como a insistência do Banco de Portugal em defender a continuação da política seguida pelo governo, a qual contribuiu para o beco sem saída em que se encontra actualmente o País e os portugueses, é que é dramático. A incapacidade total que o governo e os seus defensores, como Victor Constâncio, revelam para ter um pensamento próprio que não seja o imposto por Bruxelas, e a sua quase doentia obsessão em relação à redução do défice deixa o País cada vez mais indefeso.

Durante o debate do OE2008 na Assembleia da República, realizado em Outubro - Novembro de 2007, na intervenção que na altura fizemos, afirmamos textualmente o que a seguir se transcreve.

“ O governo afirma que a situação económica será melhor no próximo ano. Infelizmente a realidade é outra. Portugal enfrenta actualmente um contexto internacional e comunitário e uma situação interna muito difícil. A nossa economia ainda não saiu da crise em que está mergulhada desde 2000, não tendo entrado numa fase de cruzeiro como já tinha sucedido com a generalidade dos países da União Europeia. E surge agora a crise financeira americana cujas consequências são ainda imprevisíveis; um euro sobrevalorizado que está a determinar a perda crescente de competitividade das exportações europeias; o barril de petróleo já próximo dos 100 dólares e com tendência para continuar a aumentar; e, internamente, famílias e empresas fortemente endividadas, desemprego crescente, graves desigualdades sociais, 2 milhões de portugueses a viver abaixo do limiar da pobreza e uma economia que corre o risco, antes de conseguir sair da crise, de sofrer uma nova recaída.

A Proposta de OE2008 subestima esta realidade, e não contém medidas adequadas para enfrentar nem os novos riscos externos nem a gravidade da situação interna. É uma proposta em que o governo tenta ocultar a verdade porque os portugueses ficariam a saber que, apesar de tantos sacrifícios, os problemas do País continuam por resolver. O governo pelo 3º ano consecutivo apresenta um orçamento que pretende reduzir o défice para além dos compromissos tomados com Bruxelas. E gaba-se disso, esquecendo o mal que isso está a provocar à economia do País e aos portugueses. O governo tem a esperança que o investimento privado compense a quebra no investimento público. Mas o passado já mostrou que as previsões do governo neste campo nunca acertaram. Em 2005 e 2006, o governo previu um crescimento do investimento total entre 2% e 5%, mas o investimento diminuiu em cerca de 2% em cada ano. Em 2007, o aumento do investimento total deverá ser metade do previsto pelo governo”.

É evidente que não afirmamos o que dissemos por sermos adivinhos ou por sermos profetas de desgraças como o governo e o PS afirmaram. Dissemos aquilo apenas por não estarmos nem cegos pelo pensamento dominante de cariz neoliberal nem subservientes em relação ao governo e ao poder económico. É evidente também que, contrariamente àquilo que o governo e os seus defensores pretendem actualmente fazer crer, a gravidade da crise portuguesa actual, não resulta apenas da crise internacional. Ela radica também na extrema fragilidade da economia e da sociedade portuguesa, consequência das políticas seguidas, nomeadamente da obsessão do défice, que tornaram a economia mais frágil e o País mais indefeso relativamente ao exterior.

## **ERA PREVISIVEL QUE PORTUGAL SOFRESSE MUITO COM A CRISE INTERNACIONAL DEVIDO AO ELEVADO GRAU DE ABERTURA E DEPENDENCIA AO EXTERIOR E POR TER UMA ECONOMIA FRÁGIL**

A elevada abertura e dependência da Economia Portuguesa em relação ao exterior não é de agora e muito menos de 2008, como pretendem fazer crer o governo, Victor Constâncio e o pensamento económico dominante.

A elevada dependência da Economia Portuguesa em relação ao exterior, que muitos só se lembram agora, foi construída ao longo do tempo quer pelos grandes grupos económicos portugueses que, em muitos anos, investem mais no estrangeiro do que em Portugal (por ex., em 2007, segundo o Banco de Portugal, o investimento directo português no estrangeiro atingiu 4.542,4 milhões de euros, enquanto o estrangeiro em Portugal foi de 4.114,8 milhões de euros), quer pelos governos, incluindo o actual, devido à falta de apoio à indústria, à agricultura e pesca portuguesa, o que tem determinado a desindustrialização crescente do País, a estagnação da agricultura portuguesa e a quebra da produção da pesca. Entre 1985 e 2005, portanto em 20 anos, segundo o Banco de Portugal, o contributo do Industria Transformadora para o PIB desceu de 26,4% para apenas 14,7%, e o da Agricultura, Silvicultura e Pescas passou de 8% para somente 2,8%.

Se analisarmos o grau crescente de abertura da economia portuguesa ao exterior, os indicadores oficiais revelam uma realidade preocupante se tivermos presente a grande fragilidade dela não estando preparada para enfrentar, com êxito, os choques de uma globalização desregulamentada e geradora de graves desigualdades. Entre 2004 e 2007, segundo o Banco de Portugal, a soma das exportações e importações, quando comparada com o PIB, aumentou de 62,5% para 73% do PIB, tendo-se verificado em relação às importações um crescimento, em percentagem do PIB, de 36,2% para 40,2%, e relativamente às exportações uma subida de 28,4% para 32,%. Portanto, com este grau de abertura e de dependência era fácil de concluir que a economia portuguesa sofreria de uma forma dramática com qualquer turbulência e crise internacional. E o grave é que o governo não preparou o País para enfrentar uma crise totalmente previsível, embora com uma dimensão que poderia ser variável.

### **A POLITIVA DE OBSESSÃO DO DÉFICE CONTINUA EMBORA O PAÍS ENFRETE UMA GRAVE CRISE ECONÓMICA E SOCIAL**

Uma das coisas que mais choca no comportamento dos defensores da política de obsessão da redução do défice como Sócrates, Teixeira dos Santos, Victor Constâncio e todo o pensamento económico dominante em Portugal de cariz neoliberal é que essa política está contra os princípios mais elementares da ciência económica e da experiência empírica.

Gregory Mankiw, um conceituado professor de economia da conhecida universidade americana de Havard, na sua volumosa obra de mais de 850 páginas, com o título "Introdução à Economia", põe em confronto os argumentos dos defensores do equilíbrio orçamental e dos defensores do défice orçamental. E mesmo em relação aos que defendem o equilíbrio orçamental Gregory Mankiw refere que estes consideram que "é razoável permitir um défice orçamental durante quedas temporárias na actividade económica. ....Se o governo tentasse equilibrar o seu orçamento durante uma recessão, teria de aumentar os impostos ou cortar em tempos de desemprego elevado. Tal política tenderia a deprimir a procura agregada justamente quando ela mais precisa de ser estimulada e, portanto, tenderia a aumentar a magnitude das flutuações económicas" (pág. 821) e, conseqüentemente, da crise. Só os fundamentalistas portugueses é que se recusam a aceitar estas verdades elementares da economia.

Existe ainda um outro argumento citado também por Gregory Mankiw, mas este já dos defensores do défice orçamental que aqui deixamos para reflexão do leitor. Escreve ele citando-os: "Suponha que o governo reduza o deficit orçamental cortando as suas despesas com a educação", como Sócrates, de que é exemplo as universidades que nem têm dinheiro para pagar as remunerações dos professores até ao fim do ano. E os defensores do défice perguntam. "Essa política deixaria as gerações jovens em melhor situação? A dívida pública será assim menos elevada quando elas entrarem para o mercado do trabalho, o que significa uma menor carga tributária. Mas se eles tiverem menos instrução do que poderiam ter, a produtividade e o seu rendimento serão menores" (pág. 821).

A Direcção Geral do Orçamento (DGO) do Ministério das Finanças acabou de divulgar dados referente à execução do OE2008 durante o 1º semestre de 2008. Segundo a DGO, nos primeiros seis meses de 2008 o Saldo Global Total, que inclui o Saldo Global do Subsector Estado e o Saldo Global da Segurança Social, diminuiu em 1.557,3 milhões de euros relativamente a idêntico

período de 2007, ou seja, reduziu-se em 20,8 vezes pois passou de -1.635,6 milhões de euros para apenas -78,3 milhões de euros,

Se a análise for desagregada conclui-se que isso resultou de uma redução do saldo global negativo do “Subsector Estado” de -2.707,3 milhões de euros para -1.900,0 milhões de euros (baixou cerca de 30%) , e do aumento do saldo positivo da Segurança Social que cresceu de + 1.071,7 milhões de euros para +1.821,7 milhões de euros (aumentou 70%).

A redução do saldo negativo do “Subsector Estado” foi conseguida através da diminuição da despesa com as remunerações dos trabalhadores da Função Pública que, no período de Janeiro a Junho 2008, diminuiu em -0,4% (-18,4 milhões de euros) relativamente a idêntico período de 2007, embora a despesa com a “Aquisição de serviços e bens” a privados tenha aumentado, no mesmo período, em + 13,1%, e da redução do investimento público financiado pelo OE, já que as “Despesas de Capital”, entre 2007 e 2008, e relativamente ao 1º semestre passou de 1.553,7 milhões de euros para 1.179,4 milhões de euros, ou seja, diminuiu em -24,1%. Em relação à Segurança Social o aumento do saldo global positivo em +70% (+ 750 milhões de euros) em apenas 6 meses de 2008 relativamente a igual período de 2007, foi conseguido fundamentalmente à custa da diminuição da despesa com o “Subsidio de doença” (-11,2%) e da redução do apoio aos desempregados cuja despesa diminuiu em -13,3% (-118,5 milhões de euros). Portanto, o oposto do defendido por Gregory Mankiw.

Para terminar apenas dois comentários. Na altura do debate do OE2008, Sócrates e o seu ministro das Finanças tomaram o compromisso público de que, em 2008, os trabalhadores da Administração Pública não iriam sofrer mais uma redução do seu poder de compra, o que vinha acontecendo desde 2000. Em 2008, os vencimentos destes trabalhadores foram aumentados apenas em 2,1%, enquanto a inflação subirá, pelo menos, 3%, como reconhece o próprio Banco de Portugal. Mais uma promessa deste governo, a juntar muitas outras, não cumprida. Em 2006, Sócrates e o seu ministro do Trabalho, utilizando previsões falsas, introduziram na Segurança Social profundas alterações as quais determinarão a prazo uma redução nas pensões dos que vierem no futuro a reformar-se que se estima em mais de 50%. Só em 2008, a alteração da formula de cálculo da pensão e a introdução do chamado “factor de sustentabilidade” impostos por este governo, está a determinar uma diminuição no valor das pensões mais baixas (pensões inferiores a 500 euros por mês) que, para muitos reformados, rondou os 10%. E só no 1º semestre de 2008, o saldo positivo da Segurança Social foi superior ao de idêntico período de 2007, em 70% como se mostrou. Mais uma mentira deste governo sobre a falência da Segurança Social.

**Eugénio Rosa**  
**Economista**